OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, m. forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)...	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrang. (união geral dos correios)	5$000	2$500	—$—	—$—

24.º Anno — XXIV Volume — N.º 793

10 DE JANEIRO DE 1901

Redacção — Atelier de gravura — Administração

Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4

OFFICINA DE IMPRESSÃO — RUA NOVA DO LOUREIRO, 25 A 33

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos. — Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.

CONVENTO DA BATALHA — Os terraços

(De uma photographia)

CHRONICA OCCIDENTAL

Cambalhotando pelos espaços infinitos, mudámos finalmente de seculo.

A somno solto dormia a maior parte da população do mundo, não dando sequer pelo ruidosinho de mais um dente saltando d'essa engrenagem, que já deve achar-se algum tanto ferrugenta.

Ha quantos annos ella trabalha, se por annos se póde contar o tempo em que o sol, a terra, a lua, os planetas, os cometas, não eram mais do que uma nebulosa nos espaços!

Mas já a engrenagem trabalhava. E assim sem principio, e assim sem nunca dever ter fim.

No dia 31 de dezembro, falando do seculo a terminar, dizia o Pinturas, que é philosopho:

— D'este démos nós cabo. Vamos a ver o outro.

Por emquanto, infelizmente, o mais certo é que seja elle quem dê cabo de nós.

Deixal-o. Annunciou-se risonho e os seus primeiros cinco dias, depois d'umas semanas deveras tristes de chuva e muita lama, foram d'um esplendor, que ficará lembrado. Que azul formosissimo! Que deliciosas noites!

Os hespanhoes diz-se que não gostam de ver bons principios aos filhos; mas o caso não tem aqui applicação, porque, sendo nós filhos do nosso tempo, o seculo é nosso pae.

E um pae deve ter bons principios.

Muito seria para desejar que a placida formosura com que o sol pintou o céo e a terra n'este começo de janeiro, fosse á terra uma prophecia do céo, dizendo-lhe que ia melhorar-lhe a sorte e que havia passado o tempo cruel das desgraças accumuladas.

Triste foi para nós o final do seculo XIX.

Não quizemos a tristezas e luctos referirmonos funebremente no passado numero, commemorativo do Natal. Era tempo de alegrias para muitos, de santas alegrias, e os corações até para que dos outros sintam os pezares precisam descanço de vez em quando. Os doces contentamentos são como o somno que restaura as forças. Para que haviamos de encher de grandes tarjas pretas o nosso jornal d'aquelle dia? Nem as perdas que soffremos são d'aquellas que em dois dias passam. *Les morts vont vite*, diz o dictado. Mas a pressa não é a mesma em todos. Muitos querem levar comsigo pedaços d'alma que á terra ficam presos por outros amores; e essas almas ficam sendo ligações mysteriosas entre as que ficam e as que voaram.

Quando a aurora do novo anno alvejou serena, encontrou de muitas lagrimas molhado o chão dos cemiterios. A morte portara-se com crueldade contra Portugal, roubando-lhe alguns de seus vultos mais notaveis; ferira familias, que no querido filho que ella lhes arrancára do seio, fundavam as mais virentes esperanças, tinham o melhor titulo de gloria. E desde aquelle, que cumpriu no mundo triumphalmente uma alta missão como foi Serpa Pinto, até Antonio Horta e Costa, uma criança, vaso preciosissimo em que floresciam os sonhos dos paes, quantos nos ella não levou, com aquella indifferença que mostrou sempre e a que nunca a humanidade poude costumar-se!

Serpa Pinto, heroe de tantas façanhas n'Africa e Luciano Cordeiro, o secretario perpetuo da Sociedade de Geographia eram dos nomes portuguezes mais conhecidos no mundo.

Um d'elles trabalhando denodadamente com risco da vida por augmentar o prestigio do velho nome portuguez nos sertões d'Africa, o outro dedicando todo o seu coração á sociedade que tinha por missão principal velar pelo incremento das nossas colonias; com poucas horas de intervallo ambos baixaram ao tumulo, deixando aos seus, como a mais bella das heranças, um nome bemquisto e aureolado.

Serpa Pinto estragára em Africa a sua saude; Luciano Cordeiro foi victimado por uma doença de coração, para a qual decerto concorreram excessos de trabalho.

Mas não foram só estes dois batalhadores que nos enlutaram o final do seculo. Mais dois ainda, com nome tambem prestigioso, dois engenheiros distinctos, estimadissimos por quantos os conheceram, vieram augmentar as linhas da necrologia: Pedro Ignacio Lopes, depois de atrozes soffrimentos, e Augusto Ferreira, repentinamente.

Pedro Ignacio Lopes, que desempenhou varios honrosos cargos, já na Companhia real dos caminhos de ferro, já como empregado do governo, sendo ultimamente director dos caminhos de ferro do sul, era dos mais notaveis engenheiros portuguezes, tendo dirigido a construcção da ponte Maria Pia e a do ramal de Caceres. Alma limpida, coração generoso, amigo exemplar, quantos serviram com elle o adoravam, e, por uma certa brincadeira, em que entrava muita ternura do coração, chamavam-lhe o *Pae Lopes*. Chefe de familia exemplar, adorava os filhos. Calcule-se o tormento que foi vel-o expirar lentamente, no mais doloroso e prolongado soffrimento!

Augusto Ferreira, o Ferreira dos incendios, era conhecidissimo em Lisboa. Todos o festejavam quando o viam, porque ninguem houve mais alegre do que esse bello rapaz, tão cheio de força, tão honesto e intelligente trabalhador, irradiando sympathia. Adoeceu, entristeceu e, um dia, quando ninguem tal esperava, porque, apesar da doença, Augusto Ferreira levava sua vida costumada, correu em Lisboa commovida a triste noticia.

Mais dois amigos, que se nos foram, e dos melhores.

E ainda aqui não podemos acabar a necrologia d'esse desgraçado mez.

Na vespera do Natal, á noite, poucos momentos depois de haver da sua Quinta do Campo chegado ao velho Palacio da Rosa, fallecia repentinamente, quasi sem haver tido tempo de soltar uma queixa, a nobilissima Marqueza de Castello Melhor, raro exemplar purissimo da velha aristocracia portugueza. D'uma suprema distincção, nascida de suas raras qualidades, amavel em extremo, humilde como excellente christã, não tinha um gesto, um olhar, um sorriso, uma palavra, que não revelasse a grande senhora. E tudo isso, que era tanto e tanto a fazia estimar, em meio da mais austera simplicidade!

Triste final teve o seculo que passou! A muitos trouxe em compensação grandes contentamentos o principio do seculo novo.

Infelizmente as medias não consolam os tristes. Quem anda n'este jogo da vida não o contenta a idéa de que está na algibeira dos outros o que da sua lhe fugiu.

Os novos pares do reino, titulares e gran-cruzes, tiveram com certeza um bom amanhecer. Os primeiros, discutidos, como sempre n'estes casos, pela opposição ao governo, foram, salvo erro, em numero de dezenove, gran cruzes foram bastantes, titulares apenas dois: Luiz de Soveral elevado a Marquez de Soveral e Ferreira de Mesquita a Conde de Mesquita.

Assim se fez, para que nem tudo fossem tristezas.

Luiz de Soveral tem dado que falar ultimamente e, logo que o titulo se annunciou, correram os mais exagerados boatos sobre a chuva de mercês e felicidades, que a Fortuna queria entornar sobre a cabeça do nosso querido amigo. Pois raras vezes tanto desejámos que fosse *vox Dei* a celebrada *vox populi*, se esta diz coisas agradaveis ao nosso ministro em Londres, excellente caracter, coração extremoso e, sem a menor duvida para quem o conheça de perto, um portuguez que só deseja o bem da sua terra.

Nem tudo para todos se annuncia triste, como se está vendo. Ha quem ande em busca da Fortuna e não espera que ella venha ter com elle durante as horas do somno. Foi assim que, como muitos julgam que o dia de Anno Bom deve dar a media do anno inteiro, todos procuraram tornal-o o mais luminoso possivel. Os theatros todos encheram á cunha, embora muitos dessem suas recitas com peças já muito velhas.

Os mais falados dos ultimos espectaculos foram a recita da *Gioconda*, em que novamente a Theodorini se apresentou ao publico de Lisboa, e o sarau do Real Gymnasio Club Portuguez em que os socios apresentaram um bellissimo programma. Ha muito que não viamos a Theodorini que, conservando por emquanto todos seus excellentes dotes de cantora, enthusiasmou o publico, exhibindo seu prodigioso talento de artista dramatica.

Mas a Réjane, a grande Réjane está annunciada nos cartazes do theatro D. Amelia e, falando-se de theatro dramatico, ha de ella monopolisar as attenções.

Festa, uma linda festa, foi a promovida pelos redactores do *Diario Illustrado*, em beneficio das criancinhas pobres a quem no jardim do theatro D. Amelia foram, no dia de Reis, distribuidos centenares de brindes. E cada uma d'ellas, muito contente com o seu bonito, teve um dia feliz. Ellas que tanto sonham, coitadinhas, uma boneca, um palhaço, um cavallo mal feito e peor pintado, é mais uma pluma que se lhes põe nas azas. Deixal-as voar, que para isso é que são crianças. Voar, voar!... Dizia-me um dia um pequenino com os olhos longos, muito ingenuos, postos no céo:

— Queria ser passaro, borboleta... ou anjo!

Ainda assim o mais facil é ser anjo, que os ha na terra. Digam-o as crianças pobresinhas, que teem ás vezes dias felizes.

João da Camara.

AS NOSSAS GRAVURAS

CONVENTO DA BATALHA — OS TERRAÇOS

Por qualquer lado que se veja o formosissimo monumento da Batalha, pode o forasteiro admirar a magnifica construcção e fazer d'ella boa ideia. N'um monumento de tal ordem, nem só o que se vê de fóra ou de baixo apresenta interesse. O conjuncto que se observa d'um ponto eminente não é menos grandioso nem menos suggestivo. A prova dá-a a nossa estampa que reproduz fielmente os terraços do celebre edificio, permittindo demorar a attenção sobre as extremidades mais altas do monumento.

Todas as pessoas entendidas, tanto nacionaes como extrangeiras, que tem visitado o monumento da Batalha, collocam-n'o entre os mais perfeitos typos do gothico puro que ha na Europa.

Dão lhe direito a este logar a nobreza e elegancia das formas, a severidade das linhas, a belleza e sobriedade dos ornatos, a perfeição com que tudo está acabado, e finalmente a singular harmonia que reina em todas as suas partes.

Não é preciso ser muito versado nos estudos d'architectura para conhecer, logo ao primeiro relancear d'olhos, essa admiravel unidade de pensamento que presidiu á edificação do templo, unindo todas as suas partes nas mais estreitas e intimas relações.

A vista geral dos terraços comprova esta affirmativa offerecendo uma nota nova aos admiradores e estudiosos.

Não é esta a primeira vez que o O OCCIDENTE se refere ao notavel monumento da Batalha; em muitas outras tem sido ensejo de o fazer, e por agora não repetiremos pormenores já conhecidos.

Como é vulgarmente sabido foi o sumptuoso edificio fundado por D. João I, em cumprimento do solemne voto feito por aquelle soberano por occasião da celebre batalha de Aljubarrota, em que a nacionalidade portugueza se affirmou brilhantemente.

Ignora-se ao certo o anno da fundação, que os mais eruditos auctores marcam como sendo o de 1386. Quizera o monarcha que se erigisse o monumento da sua piedade no proprio logar onde vencera os inimigos da patria, porém não sendo o terreno bom para esse fim, pela sua aspereza, seccura e aridez, procurou nas visinhanças sitio mais apropriado, escolhendo então a quinta do Pinhal, junto á aldeia da Canoeira, situada n'um fresco valle e a meia legua de distancia do logar da peleja.

Tanta pressa tinha o monarcha de ver consagrado pela oração o local e cumprido o seu voto, que ainda o monumento não estava habitavel, e logo o doou á ordem de S. Domingos, tomando posse em 1388 alguns religiosos d'aquella ordem e o respectivo padre mestre João Martins.

Progrediram as obras do convento com muita actividade e rapidez por todo o reinado de D. João I. Porém, não obstante ser este muito longo, pois que abrangeu um periodo de 48 annos, desde 1385, em que o mestre de Aviz foi acclamado rei, até 1433, em que falleceu, não bastou para o acabamento de tão grandioso edificio.

Durante os cinco reinados que se seguiram ao do fundador continuaram constantemente os trabalhos de construcção, incluindo n'elles os da chamada *capella imperfeita*.

Da fundação do convento originou-se a fundação da villa da Batalha, que sendo já povoação muito crescida no começo do reinado de D. Manuel, foi por este soberano desannexada do termo de Leiria a que pertencia, e erigida em villa no fim do anno de 1498 ou principios de 1499.

Orgulha-se, portanto, a villa da Batalha de possuir um dos mais bellos e grandiosos monumentos da Europa.

DELFINA VICTOR

Alumna de canto do Conservatorio, onde se tem salientado, obtendo em todos os seus exames a

mais altas classificações, foi ha pouco escripturada no Theatro da Trindade, começando a sua carreira por onde muitas acabam.

Quando assistimos ao seu debute no papel de *Frasquita* do *Moleiro d'Alcalá*, dir-se-hia que estavamos diante de uma actriz consumada perfeitamente senhora de si, raras vezes assistimos a uma estreia tão auspiciosa.

Possuidora de uma voz de soprano bem timbrada, bastante volumosa e extensa sabe dar o justo colorido á musica sem comtudo desprezar a parte dramatica; citaremos como exemplo o 2.º acto das *Duas Princezas*.

Os seus recursos vocaes prestam-se sem a menor duvida a maiores commettimentos que os exigidos para o repertorio de operetta.

No entretanto a sua vocação como actriz assegura-lhe um brilhante futuro, cujo presente é a mais solida garantia.

Tem a audacia da mocidade e o fogo sagrado, qualidades raras de encontrar entre as nossas artistas.

Saudemos pois a futura estrella.

Y. M.

PEDRO IGNACIO LOPES

Rodeado pelos seus, amimado por aquelles que mais amára no mundo, victimado por um cancro na bocca, falleceu em Lisboa o distincto engenheiro Pedro Ignacio Lopes.

Era um caracter diamantino, um coração abrigando todas as virtudes, um trabalhador honrado e infatigavel. Seus dotes intellectuaes erguiam o seu espirito tão alto como o collocavam seus muitos amigos devotados, que n'elle tanta vez encontraram a mais desprendida generosidade, o mais carinhoso conselho. Era uma das almas mais bem formadas que podem n'este mundo encontrar-se, intellectual ou moralmente falando. Espirituoso na conversação, livre de toda a vaidade, alegre e sabendo a todos communicar sua alegria, era o melhor dos companheiros.

Nascido em janeiro de 1840, era filho do Desembargador Pedro Ignacio Lopes. Na Universidade de Coimbra formou-se em philosophia e mathematica, seguindo depois para Paris, onde concluiu com grande brilho o curso de engenheiro de pontes e calçadas.

Em 1868 esteve dirigindo as obras do Mondego e da Barra da Figueira e entrando depois no serviço da Companhia real dos caminhos de ferro, foi encarregado dos trabalhos de construcção da linha do norte, desde Villa Nova de Gaia até á estação de Campanhã, linha de curta extensão, mas importantissima por motivo dos tunneis e da gigantesca ponte Maria Pia, uma das obras que deram maior nome a Eiffel, o celebrado constructor.

Terminado esse trabalho foi encarregado da construcção da parte portugueza do ramal de Caceres, desde Valle de Lama até ao Sever, fronteira de Hespanha. E' esse um dos caminhos de ferro mais baratos que se teem construido em Portugal.

Terminada a construcção, foi pouco tempo depois nomeado engenheiro adjunto e ainda depois director da companhia, logar em que prestou relevantissimos serviços.

Em 1890 passou outra vez para o serviço do governo onde se conservou, tendo sido ha annos nomeado director dos caminhos de ferro do sul e sueste, cargo que exerceu com o maior zelo, até que a doença cruel o obrigou a ir viajar, procurando allivios, que não encontrou.

Não o abandonaram um instante durante a longa doença suas filhas sr.as D. Magdalena e D. Adelaide, nem seu genro o illustre official da armada Hipacio Brion, até que, no sabbado, 22 de dezembro, Deus lhe poz termo aos soffrimentos, pungindo acerbamente o coração de quantos haviam conhecido aquelle santo homem, que se chamou Pedro Ignacio Lopes.

Tinha o habito de S. Thiago, o officialato da legião d'honra e as commendas de Izabel a Catholica, Carlos III de Hespanha e a de Frederico da Prussia.

Paz á sua alma.

A SOCIEDADE PROTECTORA DOS ANIMAES
E
JULIO DE ANDRADE

N'um dos seus numeros passados estampou o OCCIDENTE o retrato do recem-fallecido general Joaquim Carlos da Silva Heitor, e commemorando seu passamento pela penna sciente e scintillante do sr. Alfredo Gallis, assignalava as benemerencias que n'elle se davam e o illustraram durante sua longa existencia, devotada inteira ao culto do dever e do bem, e especialmente o fazia sob o ponto de vista dos valiosos e importantissimos serviços por elle prestados, sem um momento de enfado, sem um intervallo de desalento, apesar das mil contrariedades a cada passo surgidas, á Sociedade Protectora dos Animaes, de que foi durante todo o tempo por que coexistiram, conspicuo e emerito secretario.

Hoje vem a excellente revista, respeitando e continuando as tradições levantadas e sempre as mais honrosas do seu passado, consagrar homenagem devida a um outro dos membros mais preeminentes da mesma Sociedade, este felizmente ainda vivo — e oxalá que o seja por dilatados annos! — para bem d'ella, o Ex.mo Sr. Julio d'Andrade, com cujo retrato o OCCIDENTE opulenta a galeria tão numerosa quão escolhida de retratos de benemeritos com que tem illustrado, no duplo sentido do termo, suas paginas.

A outra penna que não á minha deveria ter sido incumbida a tarefa, aliás gratissima, de acompanhar esse retrato com artigo em que bem se frisassem e salientassem os dotes e predicados que enaltecem o preclaro presidente da Sociedade Protectora dos animaes de modo a em toda a sua valia e pujança resaltarem da tela, e em má hora fui eu lembrado para me desempenhar d'essa missão. Bem conhecido isto por mim, se ao encargo da missão que assim me era commettida accedi, tão somente devido o fazel-o á consideração pelo muito que para mim pésa, desde longo tempo, o distinctissimo cavalheiro e cavalleiro, e ainda a não desejar que se estranhasse recusa minha a pedido que se me fazia, e com tão nobres intuitos, quando é bem sabido dos que me conhecem que sobremodo me pésa o responder com um — não — a solicitação que se me dirija.

Demais esse pedido era-me feito por pessoa a quem muito prézo, e d'aquellas de quem o meu sempre lembrado Sá de Miranda escreveu

Pedir quem pode mandar
São preceitos que mais obrigam.

Escrevi atraz, referindo-me ao sr. Julio d'Andrade — distinctissimo cavalheiro e «cavalleiro» — e intencionalmente o fiz, que não só Sua Ex.a se apresenta como, e no intimo do seu ser o é, pessoa da mais fina educação e do mais lhano trato, caracter digno e respeitavel em todo o sentido, cavalheiro n'uma palavra dos mais primorosos e acendrados, em todo e o mais amplo e genuino sentido da palavra, mas ainda «cavalleiro» não de qualquer ordem honorifica d'aquellas com que uma ou outra vez — rarissimas! — são reconhecidos e recompensados serviços prestados á causa publica, e as mais das vezes são condecoradas balofas vanglorias, mas cavalleiro e cavalleiro indefesso dos mais nobres ideaes, das mais santas e proficuas cruzadas, que possivel emprehender nos tempos que correm, quaes as de lida e lida incessantes e benditas em prol da redempção da familia, das angustias, dolorosos apertos e mal-estar em que geralmente se atrophia e se debate esta instituição santissima, a base segura e pedra angular do edificio social; e em favor da protecção e bons tratos aos animaes, tão proveitosos e indispensaveis collaboradores e cooperadores do homem em seu doloroso peregrinar sobre a terra.

Não me faço eu cargo de escrever a biographia completa do sr. Julio de Andrade, nem jamais proposito meu foi o sequer esboçal-a, não só pela incompetencia que em mim reconheço para a contento me sahir da empresa, mas ainda por falta de informações para isso precisas, informações que Sua Ex.a se recusou a dar com sua reconhecida modestia, como se recusou a fornecer retrato seu da actualidade que hoje illuminasse O OCCIDENTE, vendo-se este por tal motivo, forçado a servir-se de um já antigo.

Minha intenção é só registar aqui, e mui *per summa capita*, os serviços pelo benemerito cidadão prestados á causa da humanidade e de seu progredimento sob o ponto de vista a que atraz me referi, o da educação do povo especialmente no que respeita á protecção e bons tratos aos animaes.

Devia esta homenagem ao prestantissimo cidadão ter-lhe sido consagrada em 23 do passado novembro, em que se completaram 25 annos de existencia para a Sociedade Protectora dos Animaes, occasião a mais apropriada e solemne para juntamente com a celebração de tão grato anniversario, se solemnisarem a acrisolada e incansada dedicação e incomparavel benemerencia com que seu actual digno Presidente ha tão longos annos a tem servido admiravelmente, mas o fallecimento do sr. general Joaquim Carlos da Silva Heitor, vindo nas vesperas encher de magoa e cobrir de luto seus consocios, fez com que esse anniversario se não festejasse, que mal cabidas todas as alegrias na tristissima conjunctura.

Agora, porém, que a Sociedade Protectora dos Animaes, embora ainda não allivido o seu dó, que por muito tempo se prolongará, já sagrou, quanto em si era, tributo condigno á memoria d'esse seu preclaro membro e secretario, fóra de proposito não vem o consagrar o muito, o muitissimo, o tudo que para ella vale e pesa seu emerito presidente.

Na sua indefessa faina e abençoada cruzada em prol da instrucção e bem estar do povo, por meio de ensinamentos cujas lições, se bem aproveitadas, farão uma revolução profunda, radical e salutarissima no viver domestico de hoje em dia, seja qual fôr a classe social a que pertençam os casaes, mas principalmente nos dos proletarios, tem o sr. Julio de Andrade levantado e constituido uma admiravel Bibliotheca de que já publicados doze volumes, todos elles de pennas competentissimas, scientes e conscientes dos assumptos que n'elles commetteram tratar, sendo de cada um d'esses volumes feita tiragem de alguns milhares.

São elles tres de Mrs. Bray, intitulados: *Elementos de moral, Physiologia e hygiene* e *Deveres para com os animaes*, de cada um dos quaes sahidos 4:500 exemplares; um de A. Newshorme e M. L. Scott, epigraphado: *Economia domestica*, de que 2:000 os exemplares; dois de Samuel Smiles, denominados: *Sê poupado* e *O dever*, cada um dos quaes com tiragem de 2:000 exemplares; um de Alice Price, intitulado: *Primeiros passos para a temperança*, com a tiragem de 3:000 exemplares; dois de P. H. Chavasse, designados: *Advertencias ás mulheres casadas* e *Advertencias ás mães*, a dois mil exemplares cada um; dois do dr. André Wilson, sob os titulos de *Doenças infecciosas e maneira de as evitar* e *Maneira de ter uma casa saudavel*, com 3:000 exemplares um e outro; e um de Frederico Treves com a denominação de *Educação physica*, igualmente com 3:000 exemplares.

Alcançam, em tal modo, todos os volumes d'essa Bibliotheca publicados ao crescido numero de 35:000.

Os titulos de cada uma das doze obras que os constituem, e que acabo de mencionar bem mostram sua importancia e constante opportunidade, e o que posso assegurar, eu que os li todos com intensissimo interesse, é que a doutrina em cada um e em todos elles contida, e exposta por modo clarissimo e de todo o ponto intuitivo, corresponde bem a seus titulos e vae, em excellencia, muito além do que estes promettem, e pódem elles bem ter-se e considerar-se como verdadeira Biblia da vida de familia, da cujos preceitos, sempre presentes e postos em pratica, resultará o bem estar e ventura possivel n'este mundo.

Nenhum d'esses 35:000 exemplares foi exposto á venda, mas tem sido mandados traduzir, publicar e distribuir gratuitamente, á sua custa, pelo sr. Julio de Andrade para uso das escolas, pelas familias e para uso da mocidade!! Que quantiosas sommas não tem por esta forma dispendido S. Ex.a com a sua redimidora Bibliotheca!

Tracejarei agora rapidamente, que o artigo já vae sendo mais longo do que o tencionava, por obrigação do assumpto, apesar de me restringir o mais possivel na explanação dos factos, os serviços prestados pelo sr. Julio de Andrade á Sociedade Protectora dos Animaes.

Inaugurada esta em 23 de Novembro de 1875, para seu socio entrou o sr. Julio de Andrade em 30 do seguinte dezembro, e em 22 de julho de 1877 foi eleito vogal de sua Direcção, logar para que foi reconduzido successiva e ininterruptamente nos annos de 1878 e 1879. Em 25 de junho de 1880 foi votado seu thesoureiro, e consecutivamente como tal serviu nos annos de 1881, 1882, 1883, 1884 e 1885, até que em 25 de julho de 1886 foi elevado á presidencia da Direcção, vaga pelo fallecimento do sr. Visconde de Soares Franco, e desde então até hoje tem sempre exercido, com inexcedivel zelo e a mais provada solicitude, esse honroso cargo.

Desde que Sua Ex.a se filiou na Sociedade Protectora dos Animaes, e especialmente desde que votado vogal de sua Direcção, não lhe soffreu o animo generoso, e devotado aos mais elevados ideaes, que demorasse os testemunhos de sua benemerencia para com ella, e sua levantada missão, e successiva e ininterrompidamente os foi patenteando por modo o mais palpavel e applaudivel.

Assim a expensas suas mandou fazer, e offertou

THEATRO DA TRINDADE

A ACTRIZ DELPHINA VICTOR

á Sociedade, mais de 50 baldes de madeira para bebedouros dos animaes, baldes que foram collocados ás portas dos logistas que se prestaram a recebel-os e fornecel-os d'agua, em diversos pontos da cidade.

Assim mandou imprimir, com todas as despezas sahidas do seu bolso, mais de 16:000 exemplares de opusculos de propaganda em favor dos bons tratos e protecção aos animaes, e taes — o *Guia do cocheiro e carroceiro* — o *Para as creanças* — o *Ao sexo feminino* — *As touradas* — *Os burros* — *Os passaros* — *Benevolencia para com os animaes*, etc., etc., entregando-os tambem á Sociedade, que os fez distribuir largamente.

Assim, e na qualidade de Thesoureiro da Sociedade, não só por diversas vezes a esta adiantou generosamente fundos para ella occorrer a suas despezas inadiaveis, mas ainda mandou, do seu bolso, fazer doze marcos fontenarios para pessoas e animaes, de sua propria invenção, de todo o ponto adequados aos ditos fins, e por intermedio da mesma Sociedade os offereceu e entregou ao Municipio de Lisboa, para serem collocados, como o foram, nos logares mais concorridos, e para isso mais apropriados, da capital, [1] sendo o primeiro d'elles inaugurado em 15 de Agosto de 1882, no Largo do Corpo Santo. O beneficio em tal modo prestado aos racionaes e irracionaes de uma importancia tão relevante quão intuitiva.

Assim, á sua custa fez construir o anpar de ferro que se vê no mesmo Largo do Corpo Santo [1] para abrigo dos animaes contra o rigor das estações, e ainda com dinheiro só seu, ordenou um carro [2] destinado a levantar e retirar da rua qualquer animal cahido e que por seu pé não possa seguir seu destino, carro que foi entregue á Camara Municipal.

Das diversas vezes em que tem feito digressões ao estrangeiro jámais esqueceu o sr. Julio de Andrade os seus protegidos dês sempre, e de umas e de outras tem trazido modelos de diversos objectos usados nas nações mais adiantadas em e para beneficio dos animaes ou diminuição e suavisação dos trabalhos e tormentos a que sujeitos, taes como de ferraduras, freios, vasilhas para os animaes comerem e beberem nas praças e largos em que estacionam, e da mascara Bruneau com que o gado bovino é morto em França e em outros paizes.

Pode bem calcular-se, sem receio de ser tido por exagerado, que com todos estes beneficios prestados á causa tão justa e benemerente do que indefesso paladino, não tem o sr. Julio de Andrade dispendido menos de 3 a 4 contos de réis.

Não contente com as tantissimas provas assim, incessantemente, dadas de sua dedicada devoção pela Sociedade Protectora dos Animaes, e pelos actos benemerentes que constituem sua missão, o sr. Julio de Andrade fixou sua quota mensal em 600 réis, e, paga mais de 40 assignaturas do *Zoophilo* orgão d'ella, para o distribuir mensalmente pelas Bibliothecas Municipaes, varias escolas primarias do districto de Lisboa e pelos principaes cafés d'esta.

Por proposta de um dos mais conspicuos membros da Sociedade Protectora dos Animaes, em assembléa geral, deliberou esta que o retrato do sr. Julio de Andrade fosse collocado na sala das suas sessões, e por proposta do Conselho Fiscal, que funccionou no anno economico de 1898 a 1899 foi-lhe conferido o diploma de socio benemerito.

Ahi fica nos mais rapidos e succintos traços uma palida imagem das benemerencias do Ex.^mo Sr. Julio de Andrade, sob os dois unicos aspectos debaixo de que me propus encaral-o, e terminando aqui a tarefa que me foi incumbida, consinta-se-me a pergunta: Haverá no nosso meio social já não digo muitas pessoas mas alguma, que, em vida, tão dedicada e fructosamente se haja, como elle, consagrado á causa do progresso e da humanidade considerada por essas duas faces por ventura e por certo das mais relevantes e suggestivas d'ella?

Nos fastos da Sociedade Protectora dos Animaes seu nome e sua memoria ficarão para sempre como o de um de seus mais proficuos e egregios membros, digno continuador e sobrelevador de José Silvestre Ribeiro, Visconde de Soares Franco, Joaquim Carlos da Silva Heitor, Carlos Testa, Luiz José Baldy, e de outros de inclita e respeitada tradição n'ella.

Rodrigo Velloso.

CONSELHEIRO PEDRO IGNACIO LOPES

FALLECIDO EM DEZEMBRO DE 1900

O Real Theatro de S. Carlos de Lisboa

(Continuado do numero antecedente)

Logo que se aventou a ideia da Patti cantar no Colyseu, o emprezario do theatro de S. Carlos, Antonio de Campos Valdez, a quem, de modo algum, podia convir que a Patti cantasse n'esta occasião em outro logar que não fosse o theatro de S. Carlos, tratou de desfazer aquelle contrato, e em seu logar, obter que a *diva* desse mais algumas recitas no theatro lyrico, e, habil e intelligente, conhecedor das tricas de artistas, emprezarios e exploradores, e contando além d'isso muitos amigos e influentes, no paço e no ministerio, conseguiu que a Patti cantasse em mais duas recitas em S. Carlos e não cantasse no Colyseu, figurando estas duas circumstancias como condição *sine qua non*, para ser concedido a Schurmann o habito de Christo, que era nas actuaes circumstancias o grande *desideratum*.

Mas o mais curioso é que a esta pretenção do habito de Christo se liga outro episodio muito comico.

(1) Vem a pélo deixar aqui registado que sendo intuito do Ex.^mo Sr. Julio de Andrade o continuar a dotar Lisboa, de modo a como que povoal-a d'elles, com muitos outros marcos fontenarios além dos doze de que se falla no texto, e havendo n'esse proposito offerecido mais dous á Camara para serem collocados, um em Xabregas e outro no Campo de Ourique, como o foram, mas sem se lhes encanar agua durante os quatro annos por que ahi estiveram levantados, no fim d'estes a Sua Ex.ª officiou a Camara dizendo-lhe que não podia conservar esses dous marcos, por não ter meios para os alimentar d'agua, e communicando-lhe que prescindia, pois, d'elles!... Mandados retirar, offereceu-os o sr. Julio de Andrade á Sociedade Protectora dos Animaes do Porto, que mui reconhecida os acceitou.

Uma das gravuras illustrativas d'este numero representa o marco fontenario levantado em Santos.

(1) Uma outra das gravuras que se entresachara n'este artigo, reproduz esse anpar.

(2) Reproduz a terceira das gravuras que acompanham n'este numero do OCCIDENTE o retrato do sr. Julio de Andrade, o carro a que o texto se refere e que se acha guardado na Estação dos Bombeiros Municipaes da Rua de D. Carlos.

A Sociedade Protectora dos Animaes

JULIO DE ANDRADE

MARCO FONTENARIO

ANGAR PARA TRENS DE PRAÇA, NO LARGO DO CORPO SANTO

CARRO PARA CONDUCÇÃO DE ANIMAES DOENTES

Duas damas da côrte, das que estão com frequencia promovendo beneficios aos asylos e creches, com subscripções, representações, kermesses etc., foram procurar Adelina Patti á sua residencia no hotel do Matta, com o fim de tentarem obter que a *diva* cantasse em alguma recita a favor de algum d'aquelles estabelecimentos de beneficencia. A celebre cantora, porem, que logo presentiu o fim de tal visita, convencida de que não era homenagem á artista, e menos ainda á mulher, pois que a sua posição, de divorciada do marquez de Caux e vivendo com o antigo tenor Nicolini, tambem divorciado de sua mulher, tinha dado azo a universal equivoca fama, e, por outro lado, fazendo, como já dissémos, pouco caso da gente da alta sociedade ou occupando elevada posição, declarou que as não recebia, e que, se tinham alguma communicação a fazer-lhe, ou objecto importante a tratar, procurassem o seu emprezario Schurmann. Devemos aqui consignar que se a Patti era altiva para os grandes, era pelo contrario, para os que estavam em mais baixas condições, não só accessivel, mas muito amavel.

Em vista da recusa da Patti dirigiram-se as duas damas ao hotel de Bragança a procurar J. Schurmann afim de este, satisfazendo aos seus desejos, fazer cantar a Patti como ellas pretendiam; o tal encarregado de negocios da celebre cantora recebeu-as, porem, com altivez, não deixando, comtudo, de aproveitar a opportunidade, de se queixar do rei de Portugal, por ainda o não haver condecorado! as pretendentes ao ouvirem tal exclamação julgaram achar meio de obter uma recita da Patti para os seus asylos, promovendo a concessão do tal habito de Christo a Schurmann, e para isso se dirigiram immediatamente ao paço a fallar com El-Rei D. Luiz I, o qual, porém, firme no que havia promettido a Valdez, com grande magua e não menos espanto das duas damas supplicantes, se esquivou a conceder-se-lhes tal graça nas condições que desejavam, pelo que julgaram, por então, a sua pretenção prejudicada.

Alguns dias depois, porem, divulgou-se que Schurmann tinha sido ou ia ser condecorado; ao saberem isto as incansaveis damas, ao verem que Schurmann persistia em não deixar cantar a Patti, como ellas queriam, correram á procura do ministro do reino José Luciano de Castro, a fim de sustar a assignatura do decreto; mas não conseguiram encontral-o, e entretanto foi assignado o decreto e carta regia, e o *Diario do Governo*, de 12 de abril de 1886, publicava que, em data de 8 do mesmo mez, havia sido agraciado com o tão desejado habito de Christo, Josef Johan Schurmann, subdito de S.ª M.ª o Rei dos Paizes Baixos.

Não desanimaram mesmo assim as grandes da-

mas da côrte; tiveram então a lembrança de ir pedir a El-Rei authorisação, que lhe foi graciosamente concedida, para affirmarem a Schurmann que, ellas, tinham supplicado ao chefe do estado aquella prova da regia munificencia; mas Schurmann que sabia o que devia a satisfação dos seus desejos, e que já estava servido e descançado a esse respeito, declinou de si a missão de levar Adelina Patti a cantar em recitas de beneficencia. E eis-a-aqui, como Schurmann teve o habito de Christo, e a Patti cantou mais duas recitas em S. Carlos, e não cantou então no Colyseu nem em recita alguma de beneficencia n'esta epocha. Só dois annos mais tarde é que a celebre artista se prestou a cantar em um concerto de beneficencia em Lisboa.

É verdade que n'esta epocha o *High-life* que pouco applaudira a Patti, fez a Borghi Mamo, na noite da sua festa artistica, uma enorme ovação, offerecendo-lhe, muitas das senhoras da alta sociedade, mais de 12 riquissimas corôas! de modo que se póde dizer que as ovações feitas, n'esta epocha, pelo publico do theatro de S. Carlos áquellas cantoras, foram na razão inversa dos seus merecimentos!

Outra artista que tambem tinha reputação como notabilidade no mundo lyrico, mas muito abaixo dos precedentemente nomeados, figurou n'esta epocha no theatro de S. Carlos; foi a Scalchi-Lolli. A sua voz de contralto era agradavel, com um timbre especial; a cantora tinha muita agilidade, e estava admiravelmente bem em scena em trages masculinos; assim era excellente debaixo de todos os pontos de vista, como cantora e como artista na *Semiramis*. A pouca extensão de sua voz nos agudos prejudicava-lhe a execução nos papeis de meio soprano, o que muito a fez desmerecer na *Aida* e no 2.º acto do *Propheta*. A *Semiramis* agradou muito e deu numerosas enchentes; alem de ir bem desempenhada, tinha a seu favor não se haverem elevado os preços para as recitas da Scalchi, o que lhe deu grande partido em parte do publico do theatro de S. Carlos.

Um novo e notavel maestro, Marino Mancinelli, veiu concorrer para maior brilho da execução musical em S. Carlos n'esta epocha; tendo adoecido e fallecido o maestro Dalmau, veiu, em seu logar Subeyras Bach, e depois Mancinelli; irmão do celebre maestro Luigi Mancinelli era Marino tambem uma batuta de 1.ª ordem; entendedor consciencioso, bom ensaiador, e habil e elegante na regencia.

Esta epocha de 1885 a 1886 ficou memoravel nos annaes do theatro de S. Carlos pelo grande numero de celebridades que realçaram a scena lyrica, e pela perfeição da execução de algumas operas, e conjuncto excepcional de cantores que as interpretaram de um modo extraordinariamente elevado; citaremos em especial, pelo primor de execução, o *Barbeiro de Sevilha* por Patti, Masini e Cotogni, e o *Fausto* por Masini e Devriès.

(Continua) *Francisco da Fonseca Benevides.*

QUESTÕES SOCIAES

(ORGANISAÇÃO DA CARIDADE)

A terceira das virtudes theologaes e mais sublime entre quantas engrandecem a creatura racional foi o Christianismo que verdadeiramente a fundou no meio das sociedades humanas.

Por mais adiantadas que hajam sido as civilisações antigas, a escravidão fôra sempre consagrada como coisa naturalissima, e todos os legisladores e philosophos a consideraram assim.

Só foi ao calor do Evangelho que teve inicio a mudança de sorte para a immensa população escrava que gemia sujeita aos caprichos de seus senhores.

Irmãos todos em Christo, perfeitamente eguaes diante da sua Cruz, o principio do amor, a lei suavissima da caridade veiu dizer a cada um de nós: és livre, unico responsavel pelos teus actos, digno de recompensa ou de castigo, conforme procederes.

Depois o imperio romano caiu em presença dos barbaros que o assaltaram; novos Estados surgiram á vida independente; leis já dulcificadas pelo espirito eminentemente justo da doutrina apostolica imprimiram melhor orientação social; n'uma palavra, desempenhada a missão da antiguidade, despontou a aurora de nova era, entrou o mundo no caminho de regeneração moral que Jesus lhe apontava do alto do seu madeiro.

«Amae-vos uns aos outros». Sim! Não mais fujamos de nossos semelhantes, por medo, inveja ou odio mesquinho; cada ser humano, onde quer que elle esteja, seja qual fôr a sua religião, lei politica ou indole pessoal, tem tanto direito como qualquer outro a todos os respeitos e auxilios.

Tudo quanto póde contribuir ao bem dos homens, realisado por seu proprio esforço e com o desejo de alcançar o aperfeiçoamento moral da especie, tudo isso é caridade em acção.

Ha, porem, necessidade absoluta e imperiosa de moderar o amor santo das almas que se dedicam á causa do proximo, porque, levadas de seus intuitos generosos e nobilissimos, não imaginam possivel, nutrir tambem em muitos corações fracos e caracteres egoistas, amantes do ocio, tendencias más e ingratidões latentes. A caridade não regulada tem, pois, o perigo enorme de estender o seu manto beneficente e salvador sobre miserias e necessidades certissimas e sobre imposturas criminosas, falsas miserias, fingidas necessidades.

Ainda mais: se o exercicio divino da caridade não obedecer a certas relações e inventarios que obstem a que um mesmo individuo seja contemplado duas ou mais vezes na mesma occasião, alem de nunca poderem chegar todos os recursos de valimento e esmola sempre alguem ficará esquecido por mais timido em apresentar-se ou até impossibilitado pela doença de sahir de sua habitação pobrissima.

Para obviar á grande maioria de taes inconvenientes parece-me que seria mister organisar em especial nas cidades populosas, o cadastro de todos os estabelecimentos de caridade, quer mantidos pela munificencia particular, quer de protecção official e instituir uma commissão permanente de vigilancia, composta por delegados de todos elles, não só podendo mas devendo mesmo ter ahi logar senhoras, as quaes por sua delicadeza de affectos, pelo carinho delicioso de mães adoraveis, de esposas ternas ou de filhas dedicadas seriam penhor seguro de que não haveria degeneração lamentavel do fim elevado congregando apostolizadores generosos.

Restar-lhes-hia fazer uma policia escrupulosa, com que os infelizes lucrariam e o favor da caridade recairia apenas em quem devesse.

Para isto, é essencialmente precisa união completa e boa vontade de todos. Onde entra a caridade christã, deve ser excluida a politica de partido e a proeminencia social; só ha irmãos mais ou menos ricos dos bens da fortuna, que procuram alliviar o soffrimento e as agruras d'outros seus irmãos indigentes, mas que nem por isso deixam de ter por pae o mesmo Deus.

Um dos problemas mais arduos que se offerece ao espirito do homem de Estado e do pensador, nos nossos dias, é o da miseria.

Não me refiro apenas á miseria dos que estendem a mão á caridade publica por necessidade extrema, e menos ainda á d'aquelles que são retidos nos seus albergues por doenças dolorosas e por vergonha, trato da miseria infame, que rouba com simulação e embuste a esmola devida á pobreza verdadeira; alvejo a especulação sordida.

Se todas as classes sociaes se entregassem a emprezas e trabalhos regulares, dentro da medida de suas aptidões e forças proprias e na orbita legitima da legalidade, tudo caminharia sem alterações profundas, como naturalmente vão correndo para o mar todos os rios caudalosos.

Não succede, porém, assim; odios mesquinhos e muita inveja, são outras tantas barreiras a tolher o movimento e a impedir a ordem.

Existem na capital muitas instituições de beneficencia que, pelo seu alto fim humanitario, teem direito plenissimo á nossa gratidão.

Julgo de altissima conveniencia a organisação de um centro ou congresso de caridade, onde estejam representados todos os estabelecimentos cujo destino é alliviar os infelizes.

Insisto n'esta idéa porque, uma vez realisada, quereria que tudo quanto em Lisboa diz respeito á caridade e philantropia fosse orientado por um plano unico de unidade originaria, apezar mesmo do anonimo com que muitas almas generosas gostam de encobrir-se.

Para isso, seria mister fazer o recenseamento da população, tanto quanto possivel escrupuloso; dividil-a em classes, conforme os seus haveres e occupações; examinar pacientemente os recursos de que dispõem; em seguida inscrever n'um livro especial os nomes e moradas de quantos carecessem de auxilio; investir, sem distincção de sexo, pessoas dedicadas nas attribuições de visitadores, para evitar o abuso e o engano; relacionar todas as casas d'asylo, escolas, hospitaes, quaesquer logares em que se acuda ao proximo necessitado, para se proceder em harmonia com o seu numero á distribuição equitativa do bem; chamar a attenção dos poderes publicos para acabar de vez com a mendicidade nas ruas, facto este que tem logar actualmente em larga escala e á custa do qual vae sendo alimentada a mandriice e tomando o vicio desenvolvimento assustador.

Tudo quanto emprehendessem corações generosos no intuito de alargar mais os beneficios da caridade, seria baldado sem a acção simultanea das auctoridades, a quem compete a fiscalisação policial respectiva.

Ao centro ou congresso incumbiria tambem apresentar alvitres conducentes a melhorar as fórmas organicas adoptadas e propor aos governos medidas e regulamentos que se reconhecessem convenientes.

Seria praticavel o que acabo de expor? Direi por toda a resposta que só se não leva a effeito aquillo para que não ha boa vontade.

Além da esmola que mata a fome e veste o nu, ha outra esmola de mais valor ainda, que egualmente encarna na missão sublime da caridade: a de promover a educação e ensinamento do que Jesus fallou outr'ora quando disse aos seus discipulos: «Ide e ensinae a todas as gentes».

Acclarar aos operarios, a todos os trabalhadores os seus direitos e deveres, em linguagem sã e precisa; lembrar aos patrões a sua qualidade de homens, que lhes impõe a obrigação de tratarem como taes aquelles que os servem; ensinar as creanças á luz dos principios salutares da justiça e do amor mutuo; procurar incutir no animo das mulheres sentimentos de honestidade e desvial-as do precipicio; n'uma palavra, aproveitar todos os momentos e occasiões de poder patentear a verdade e espalhar o bem, tudo isto, campo larguissimo de actividade, constituiria para o Centro ou Congresso a sua esphera de applicação proficua.

Uma vez installado o Centro ou Congresso a que me estou referindo e obtido conhecimento, depois de exame minucioso, do numero e condições de todos os necessitados na capital, restaria organisar um novo cadastro, dando margem ás alterações que devessem ser feitas no decorrer do tempo, e em que facilmente se pudesse notar o movimento semanal das diversas instituições e estabelecimentos pios. Quanto menos complicada fosse a escripturação do Centro ou Congresso de Caridade, tanto menor perda de tempo haveria para a realisação do seu destino e tantas menos distracções no seu desempenho.

Todo o pessoal que cooperasse, de qualquer maneira, para o cumprimento de missão tão sympathica e nobre, seria pago sobejamente com as bençãos dos pobres. Os nomes d'aquelles que desejam praticar o bem e de facto o praticam constantemente, sombra do incognito, não seriam divulgados e nem correriam o risco de sel-o, desde que presidisse á aggremiação, como não poderia deixar de acontecer o espirito do Christianismo.

Inspectores do Centro ou Congresso seriam todas as almas boas, no dia e na hora em que o quizessem. Ouso affirmar que, no momento em que esta ideia se tornasse realidade effectiva, a partir d'ahi, teriamos verdadeiramente encetado vida nova.

O Centro ou Congresso de Caridade seria um foco luminoso, cujos raios brilhantes chegariam a toda a parte, e haviam de espancar todas as trevas.

A politica, absolutamente banida do seu meio, não mais viria confundir o mal com o bem, o vicio com a virtude, o erro e a mentira com a verdade.

A santidade do lar domestico e o espontaneo e livre exercicio de cada mister ou profissão não mais seriam manchados por politica interesseira e invejosa, nem por intrigas nojentas e sarcasmos estupidos.

O ensino das creanças pobres por senhoras piedosas e crentes, alcançaria em periodo talvez pouco dilatado a transformação completa da scena contemporanea e desmoralisadora das ruas de Lisboa em espectaculo digno da sancção do Evangelho e do applauso da posteridade; qual seria o d'um povo em que cada individuo possuisse a comprehensão perfeita dos deveres civicos e adherisse convicto á religião pura do Calvario.

Por seu lado, competiria especialmente aos homens empregar todos os esforços para evitar as crises tremendas da falta de trabalho, e combater por todos os modos possiveis a acção perniciosissima do alcoolismo e do jogo. Conferencias, leituras publicas em escolas nocturnas, recitação de versos apropriados, canto em côro, musica, tudo que impressiona agradavelmente a alma humana afastando-a do vicio, poriam elles em pratica relativamente aos adultos das classes menos protegidas.

E não pareça utopia uma empreza semelhante: a religião cujo fundador proclamou a fraternida-

de, condemnando justamente a escravidão, não vê difficuldades, nem encontra obstaculos invenciveis onde se lhe deparam boas vontades e intentos generosos.

A prova evidente de que assim é, está na sua propria existencia de mais de 19 seculos e na sua origem de humildade e simplicidade plenas.

A palavra franca e sincera da bondade é sempre estimulo mais activo e poderoso, quer nas creanças, quer nas pessoas feitas, do que todas as ameaças e todos os castigos corporeos. Ao passo que estes são susceptiveis de causar revoltas surdas e odios censuraveis, o bom conselho dado com brandura por quem inspire confiança opera a emenda ou conclue a educação.

Não assuste o pensamento de que seriam precisos capitaes immensos para dar vida e valor á obra humanitaria de que me occupo: com os multissimos elementos já existentes em Lisboa, bastaria ponderar no sentido da ordem e da direcção superior, por isso que tudo o mais derivaria depois naturalmente.

Os grandes preparativos, os programmas ostentosos, não se casam bem ao espirito da caridade, que apenas carece de si mesma para percorrer o mundo infinitas vezes.

O dizer-se que se é fraco com os poucos recursos de que dispõe a creatura humana, e propenso por isso a desfallecer no caminho, não é desculpa acceitavel para o verdadeiro crente, a quem não é desconhecido o sacrificio da cruz e o triumpho sanguinolento do martyrio.

Corporisar pois a Caridade n'um Centro ou Congresso de assistencia estavel e systematisada com rigor logico, gloria inextinguivel das almas candidas que o conseguirem, será tambem cerrar a porta dos bordéis a muitos seres timidos que a seducção arrasta!

Semelhante proposito ineffavel deve impor-se á consciencia publica em nome do amor fraternal e da solidariedade humana.

D. Francisco de Noronha.

LIÇÕES SOBRE PHOTOGRAPHIA

I

A photographia tem hoje em dia muitos admiradores, sendo raro encontrar-se qualquer individuo que seja completamente ignorante n'este assumpto. Foi isso que levou a empreza d'este jornal a abrir uma secção concernente a esta arte, encarregando-me de pôr ao facto os leitores sobre a ultima palavra do assumpto. A escolha não foi de certo das mais acertadas, no emtanto, faremos o possivel para contentar todos.

Começaremos, por conseguinte, a nossa tarefa, e indiquemos ao leitor, o modo como elle poderá obter um banho de fixagem permanente.

Amadores d'esta arte teem por habito deixarem o banho de hyposulphito, de que se serviam para fixar a imagem nas chapas photographicas, nas tinas onde procederam á operação, outros lançam-n'a n'um frasco, no fim de cada fixagem; por ultimo, uns terceiros lançam-n'o fóra.

Somos da opinião dos primeiros, sobretudo se se utilisarem amiudadas vezes d'elle e o seu laboratorio conservar uma temperatura regular devendo, no emtanto, estes lançar de vez, em quando, nas tinas onde teem o seu banho, uns crystaes de bisulphito com o fim de impedir a coloração.

A'quelles que lançam o seu banho n'um frasco, deveremos aconselhar que não se recordem de preparar o banho de fixagem á ultima hora, na occasião em que tenham de se utilisar d'elle. Além d'isto, no frasco onde elle deve ser lançado, depois de se servirem d'elle, deitem-lhe agua até $^3/_4$, e junto á rolha, colloquem um colchete onde suspenderão um sacco de lona contendo crystaes de hyposulphito, de modo a terem sempre uma solução saturada de hyposulphito preparada.

II

Milhares de processos teem sido ideados para fazer passar a chapa impressionada para junto das outras e substitui-a por uma outra destinada a receber a impressão, isto com relação ás machinas que comportam de uma só vez bastantes chapas permittindo tirar-se uns poucos de *clichés* sem ser necessario carregar a machina, de novo, a cada pose.

A chapa a mudar fica no seu logar, puxando-se uma especie de gaveta contendo todas as chapas, em seguida cabe no fundo de um espaço vasio deixado por esta e quando de novo se puxa pela gaveta, a chapa fica na parte inferior d'aquella que vae occupar o seu logar e é destinada a ser impressionada. A altura das caixas, por esta forma, é de $0^m,14$ contendo esta 12 a 18 chapas com a espessura de 6^{m} cada uma, sendo as objectivas de $0^m,18$ a 0,10 de foco.

Hanan imaginou uma forma de diminuir essa altura, utilisando como camara escura, o espaço que a gaveta deixa, quando por ella se puxa, em virtude do qual a chapa superior cahe no fundo d'este espaço e mantem-se entre duas mollas, impressionando-se emquanto a gaveta se acha aberta. Esta forma de aproveitamento d'este espaço vasio permitte a reducção da altura do apparelho a uma quantidade egual á espessura da caixa, tendo alem d'isso a vantagem de prohibir, o fazer-se na mesma chapa, duas poses, porque facilmente se vê quando a gaveta se acha aberta, o que indica que a chapa em frente da objectiva se acha já impressionada.

E baseado sobre isto que Hanan construiu um novo modelo de machina photographica que denominou *Massonia* e que tem ainda a vantagem de ser pouco pesada e por essa razão poder ser transportada dentro da algibeira sem grande incommodo por parte do amador photographico.

Antonio A. O. Machado.

O REI DAS SERRAS

POR

Edmond About

(Continuado do numero antecedente)

VIII

O BAILE DA CÔRTE

Na quinta feira, 13 de maio, ás seis horas da tarde, John Harris, de grande uniforme, trouxe-me para casa de Christodulo.

O pasteleiro e a mulher fizeram-me muita festa, sempre com uns suspirosinhos por intenção do Rei das Serras. Abracei-os de boa vontade. Sentia-me feliz na vida e só queria ver amigos. Os pés estavam curados, os cabellos tinha-os cortado, e o estomago sentia se satisfeito.

O Demetrio disse-me que M.me Simons, a filha e o irmão estavam convidados para o baile e que ate tinha visto a engommadeira levar uma saia para o Hotel dos Estrangeiros. Já eu sentia um ante-goso da surpreza e da alegria de Mary-Ann. O Christodulo offereceu-me um copo de vinho de Santorino. Com esse elixir adoravel cuidei beber a liberdade, a riqueza, a ventura.

Subi a escada, mas antes de entrar no meu quarto, julguei dever bater á porta do sr. Mérinay. Recebeu-me em meio d'uma immensa papelada.

— Vê aqui, meu caro, um homem perdido com trabalho. Encontrei acima da aldeia de Castia uma inscripção antiga, que foi o que me privou de ter o gosto de combater pela sua causa e ha tres dias me atormenta. E absolutamente inedita, como já pude verificar. Ninguem antes de mim a viu. A honra de descoberta é toda minha. Ficar lhe-ha ligado o meu nome. A pedra é um monumentosinho calcareo, com trinta e cinco centimetros de altura por vinte e dois de largura, posto por acaso á beira do caminho. Os caracteres são de boa epoca e esculpidos com perfeição. Aqui está a inscripção tal qual a copiei na minha carteira.

S. T. X. X. I. I.
M. D. C. C. C. L. I.

Se consigo explical-a, a fortuna é minha. Nomeiam-me membro da Academia de inscripções e bellas letras de Pont-Audemer! Mas a tarefa é ardua e difficil. A antiguidade guarda seus segredos com zeloso cuidado. Será um monumento que diga respeito aos misterios de Eleusis? N'esse caso teremos que procurar duas interpretações, uma vulgar ou demotica, outra sagrada ou hieratica. Peço-lhe a sua opinião.

— E' a d'um ignorante respondi. Creio que o meu amigo achou simplesmete um marco, d'esses vulgares em todos os caminhos, e que essa inscripção, em que tanto tem scismado, traduz-se assim sem menor inconveniente «Stadio 22 — 1851.» E muito boa noite, meu caro sr. Mérinay. Vou escrever a meu pae e envergar a minha linda casaca encarnada.

A carta a meus paes foi uma ode, um hymno, um cantico de ventura. Toda a embriaguez do meu coração escorria para o papel por entre os bicos da penna. Convidava toda a familia para meu casamento, dizendo a meu pae que trespasasse a estalagem, fosse lá por que preço fosse. Exigia que o Frantz e o João Nicoláo deixassem o serviço; pedia a meus outros irmãos que mudassem de officio. Eu só ficava com tudo ás costas, encarregando-me do futuro de todos elles.

A's nove menos um quarto dei entrada no baile acompanhado por John Harris. O Lobster, o sr. Mérinay e o Giacomo não tinhum sido convidados. O meu chapéo de tres bicos tinha ás lozes uns certos reflexos avermelhados, mas não se dava muito por isso. A espada deveria ter mais uns seis ou oito centimetros, mas pouco importava. Não se mede a coragem d'um homem pel comprimento da espada, e eu tinha, modestia aparte, todo o direito a ser considerado um heroe. A casaca encarnada estava apertadinha; apoquentava-me nos sovacos e as mangas acabavam bastante longe dos punhos; mas os bordados eram de bom effeito, tal qual a prophecia do papá.

A sala de baile, decorada com bom gosto e esplendidamente illuminada, dividia-se em dois corpos. D'um lado, por detraz do throno do rei e da rainha, eram as cadeiras para as senhoras; do outro as destinadas ao sexo feio. Relanceei o olhar avidamente pelo espaço occupado pelas senhoras. Mary-Ann ainda não tinha chegado.

A's nove horas deram entrada o rei e a rainha precedidos pela camareira mór, mordomo mór, ajudantes de campo, damas e officiaes ás ordens, tre os quaes me mostraram o sr. Jorge Micromatis. O rei vinha magnificamente vestido de pallicaro e a rainha trazia um vestido admiravel, cuja elegancia demonstrava sua origem parisiense. Nada d'isso me fascinou a ponto tal que me esquecesse de Mary-Ann. Tinha os olhos fitos na porta e puz-me á espera.

Os membros do corpo diplomatico e os convidados principaes cercaram o rei e a rainha que com elles distribuiram palavras amaveis durante pouco mais ou menos meia hora.

Eu estava na ultima fila com John Harris. Um official, que estava na nossa frente, recuou tão desastradamente que me pisou, obrigando-me a dar um grito. O homem voltou a cabeça e logo reconheci o nosso capitão Pericles, condecorado de fresco com a ordem do Salvador. Pediu-me perdão e perguntou-me pela saude. Não pude deixar de lhe responder que nada tinha com isso. Harris que sabia toda a minha historia de fio a pavio, disse polidamente ao capitão.

— E' com o sr. Pericles que tenho a honra de estar fallando?

— Sim, senhor.

— Muito estimo encontral-o. Quer fazer-me a amabilidade de me acompanhar até á sala de jogo? Estaremos sós.

— A's suas ordens.

O sr. Pericles, mais enfiado que um soldado ao sahir do hospital, seguiu-nos a sorrir-se. Logo que chegámos, voltou-se para John Harris e disse-lhe:

— A's suas ordens.

Como resposta, Harris arrancou-lhe a cruz e a fitinha nova e mettendo-as na algibeira, disse-lhe:

— Aqui tem o que lhe queria.

— Mas senhor! gritou o capitão, dando um passo á rectaguarda.

— E caluda, se faz favor. Se tem algum amor a esta joiasinha queira mandal-a buscar por dois seus amigos a John Harris, commandante da *Fancy*.

— Senhor, disse Pericles, não sei com que direito me tira essa cruz que vale quinze francos e que terei que substituir á minha custa.

— Se é só por isso aqui tem um soberano com a effigie da rainha de Inglaterra: quinze francos para a cruz, dez para a fita. Se sobejar alguma coisa, beba-o á minha saude.

— Resta-me apenas agradecer-lhe, disse o official mettendo o dinheiro na algibera.

Cumprimentou-nos sem mais palavra; mas o feitio por que olhou para nós era ameaçador.

— Meu caro Hermann, disse-me Harris, parece-me que andaria bem deixando esta terra, com sua noiva, o mais breve que possa. Este official de policia tem-me ares de perfeito bandoleiro. Eu por aqui ficarei ainda uns oito dias para dar-lhe tempo a que me leve o troco. Depois, seguirei para o Japão, conforme as ordens que recebi.

— E' pena que a sua vivacidade o levasse tão longe. Desejaria não sahir da Grecia sem um ou dois exemplares da *boryana variabilis*. O que tinha era incompleto e sem raizes, e esse mesmo deixei-o lá na serra com a minha lata.

— Deixe um desenho da sua planta ao Lobster ou ao Giacomo. Mas, por Deus! ponha a sua felicidade em logar seguro.

Entretanto a minha felicidade ainda não chegára ao baile. A' meia noite perdi de todo a es-

ma[illegible]. Sahi da sala grande e fui-me collocar methodicamente atraz de dois jogadores de Whist que faziam saltar as cartas com uma dexteridade admiravel. Ia-me já interessando por elles, quando uma gargalhada argentina me fez dar um pulo no coração.

Mary-Ann estava ali, atraz de mim. Não me atrevia a voltar a cabeça, mas sentia-a ali presente; a alegria apertava-me a garganta que parecia querer afogar-me. O que lhe causára hilaridade nunca o soube. Algum uniforme ridiculo, coisa que sempre se vê nos bailes officiaes. Ergui os olhos e vi-a n'um espelho. Vi-a, sem ser visto, entre a mãe e o tio, ainda mais formosa e radiante do que no dia em que me apparecêra pela primeira vez. Um triplo colar de perolas acariciadoras ondulava suavemente em volta do seu pescoço e seguia o doce contorno de seus hombros divinos. Seus lindos olhos scintillavam á luz das velas. Seus dentes riam com graça indizivel. A luz brincava como doida na floresta dos seus cabellos. Vinha vestida como se vestem todas as meninas; não trazia como M.^{me} Simons uma ave do paraizo á cabeça, mas nem por isso parecia menos bonita. Trazia flores ao peito e nos cabellos. E que flores? Veja se adivinha. Cuidei morrer de alegria, reconhecendo a *boryana variabilis*. Tudo me cahia do céo ao mesmo tempo! Ha coisa mais doce do que herborisar nos cabellos da mulher amada? Era o mais feliz dos homens e dos naturalistas! Voltei-me repentinamente e gritei:

— Mary-Ann!... Sou eu!

Pois ella, em vez de me cahir nos braços, recuou como espantada! M.^{me} Simons ergueu tão alto a fronte, que me pareceu que a ave do paraizo ia largar seu vôo para o tecto. O sujeito velho pegou-me na mão, levou-me para longe, examinou-me como a um bicho raro e perguntou-me:

— Já foi apresentado a estas senhoras?

— Mas não é d'isso que se trata, meu caro sr. Sharper, meu querido tio! Eu sou o Hermann! o Hermann Schultz! o companheiro do captiveiro d'ellas! quem as salvou! Depois é que foi o bom e o bonito. Eu lhe contarei lá em casa.

AUGUSTO FERREIRA

FALLECIDO EM 28 DE DEZEMBRO DE 1900

— *Yes, yes*, respondeu. Mas os costumes inglezes exigem expressamente que um homem seja apresentado ás senhoras antes de lhes contar historias.

— Mas se ellas já me conhecem perfeitamente, meu caro sr. Sharper! Jantamos juntos mais de dez vezes. Prestei-lhes um serviçosinho, que vale bem mil francos, bem sabe, lá no Rei das Serras.

— *Yes, yes*; mas não foi apresentado.

«O REI DAS SERRAS» — Senti todas as bordoadas, uma apoz outra.

(Vid. pag. 251 do vol. 23.º)

— Pois não sabe que me expuz a mil mortes por amor da minha querida Mary-Ann?

— Talvez; mas não foi apresentado.

— Até estou para casar com ella. A mãe já consentiu. Pois não lhe disseram que vou casar com ella?

— Não antes de haver sido apresentado.

— Pois apresente-me o senhor.

— *Yes, yes*; mas primeiro precisa ser-me apresentado.

— Então espere.

E fui correndo como um doido pelo baile; esbarrei n'um grupo de valsistas; a espada metteu-se-me por entre as pernas e estirei-me ao comprido, escandalosamente. Quem me levantou foi John Harris.

— Que busca? perguntou-me.

— Estão cá; já as vi. Vou casar com Mary-Ann; mas primeiro preciso ser-lhe apresentado. E' moda ingleza. Ajude-me. Onde é que estão? Não viu uma mulherona com uma ave do paraizo á cabeça?

— Vi. Deixou agora mesmo o baile acompanhada por uma menina muito bonita.

— Deixou o baile! Mas, meu amigo, é a mãe de Mary-Ann!

— Socegue; havemos de encontral-a um dia. Peço ao ministro da America que o apresente.

— Justo. Vou mostrar-lhe o meu tio Edward Sharper. Deixei-o aqui. Para onde, diabo, se safaria elle? Não deve estar longe.

O tio Edward havia desapparecido. Arrastei comigo o Harris até á praça do palacio, até ao Hotel dos Embaixadores. O quarto de M.^{me} Simons tinha luz. Ao cabo d'uns minutos, todas as luzes se apagaram. Dormia tudo.

(Continua).

NECROLOGIA

AUGUSTO GOMES FERREIRA

Causou profunda impressão em Lisboa a noticia da morte de Augusto Gomes Ferreira, o Ferreira dos incendios, como lhe chamavam, de todos conhecido, por todos estimadissimo.

Nascido em 5 de abril de 1854, assentára praça em 1878, concluindo com a maior distincção o curso de engenharia.

Nomeado inspector dos incendios em 18 de fevereiro de 1889, tornou seu nome conhecido pelo zelo que lhe mereceu seu novo cargo, pelo seu espirito organisador, pelo lustre que soube dar á valente corporação que dirigiu e é das mais excellentes do mundo, como varias vezes o tem provado.

Augusto Ferreira era lente da 14.ª cadeira na Escola do Exercito, e exerceu varias commissões de serviço publico, demonstrando sempre sua altissima capacidade.

No dia 28 de dezembro falleceu repentinamente, sem que coisa alguma fizesse suppôr tão rapido desenlace a doença de que ha muito soffria.

Seu funeral concorridissimo foi imponente e commovedor.

A' beira do tumulo falaram os srs. Marrecas Ferreira, pelo corpo de professores da Escola, vereador Antonio Duarte em nome da Camara Municipal e o distincto jornalista Francisco Gomes da Silva, amigo particular do finado, todos exaltando suas excellentes virtudes e dolorosamente falando da funda saudade que deixou a quantos o conheceram.

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

Diversos relatorios, annuarios e almanachs. Entre outros temos presentes os seguintes:

Relatorio da direcção e parecer do conselho fiscal da sociedade protectora das cosinhas economicas de Lisboa — Gerencia de 1899;

Relatorio da direcção do Gremio Commercial do Porto — Gerencia de 1 de julho de 1899 a 30 de junho de 1900 e apresentado á assembléa geral de 29 de julho de 1900;

Sociedade Protectora dos Portuguezes Desvalidos em S. Paulo (Brazil) — Relatorio apresentado á assembléa geral de 8 de abril de 1900 pelo seu presidente José Coelho da Rocha;

(D'esta prestimosa aggremiação recebemos tambem os respectivos *Estatutos*.)

Relatorio da Real Sociedade Portugueza Beneficente no Pará, em 1899.

Annuario da Escola do Exercito — Anno electivo de 1899-1900;

Almanach illustrado da «Diario da Tarde» — Porto, 1900;

Almanach illustrado para 1901 — Propriedade de F. Pastor — Lisboa 1900.

Novas revistas.

Revue franco-italienne et du monde latin — Paris — Naples — 1900;

L'Actualité, française, étrangère et litteraire illustrée — Paris — 1900.